A LINGUAGEM E A ORALIDADE

RENATA KARINA VALDEZ MORENO

RESUMO
A oralidade e a linguagem são duas faces de uma mesma moeda, fundamentais para a comunicação humana e para a construção de significados em sociedade. Através da oralidade, expressamos nossas ideias, sentimentos e experiências de forma imediata e direta, utilizando não apenas palavras, mas também entonação, gestos e expressões faciais para transmitir nuances e emoções que enriquecem a mensagem. A linguagem, por sua vez, vai além da simples transmissão de informações, sendo um sistema complexo de signos e símbolos que nos permite organizar o pensamento, estruturar o conhecimento e interagir com o mundo. Ela não se restringe apenas à fala, abrangendo também a escrita, a linguagem corporal, a linguagem visual e outras formas de expressão que enriquecem e diversificam nossas formas de comunicação. A oralidade e a linguagem estão intrinsecamente ligadas, pois é através da linguagem que a oralidade se manifesta e se desenvolve. Através da fala, compartilhamos narrativas, contamos histórias, debatemos ideias e construímos relações sociais. A linguagem, por sua vez, nos permite refletir sobre a própria oralidade, analisar seus padrões e estruturas, e compreender como ela se relaciona com outros aspectos da comunicação humana. Dessa forma, a oralidade e a linguagem são elementos essenciais para a nossa existência e para a nossa capacidade de nos conectarmos com os outros e com o mundo ao nosso redor. Ao explorarmos e valorizarmos essas dimensões da comunicação humana, ampliamos nossas possibilidades de expressão, compreensão e interação, enriquecendo nossa experiência de vida e fortalecendo os laços que nos unem como seres sociais.

Palavras-chave: Comunicação; Oralidade; Seres Sociais.

INTRODUÇÃO

A linguagem representa um ato de extrema importância para manter a estabilidade e a boa relação entre os indivíduos, além disso, é necessário manter a colaboração contínua, as regras estabelecidas precisam ser cumpridas entre os grupos, estas regras são estabelecidas pelos membros de facções, formados internamente, os líderes detentos, infringir estas regras pode acarretar consequências gravíssimas. Essa forma de punição não é permitida pelo nosso sistema legal.

Com o intuito de estabelecer comunicação com o mundo exterior, uma modalidade de comunicação amplamente adotada pelos indivíduos encarcerados consiste no uso de cartas, as quais desempenham um papel significativo em suas vidas, permitindo-lhes estabelecer vínculos com o mundo além dos muros da prisão.

Quando se trata da oralidade, a palavra falada assume o papel principal na expressão verbal para comunicar mensagens. Reconhecemos que os sons que vocalizamos são sinais acústicos distintivos, gerados pelo equipamento vocal.

Nesse sentido, Faraco (2012, p.47) destaca que "a forma primária de expressão da linguagem oral é a oralidade, ou seja, a expressão articulada de sons produzidos pelo aparelho vocal". Dessa observação, deduzimos que esse componente do nosso corpo humano possui mecanismos essenciais que contribuem para a emissão da fala nas diversas línguas existentes.

A linguagem representa um fenômeno intricado e é moldada por diversos elementos. No território brasileiro, o idioma Português foi sujeito a um "Processo de colonização, envolvendo desafios do plurilinguismo, da assimilação cultural, das transformações, dos embates e cruzamentos e da uniformização" (OGLIARI, 1999, p.1). Por conseguinte, uma das suas particularidades é a diversidade linguística.

Travaglia (2003, p.41) expõe em sua seguinte argumentação:

Todos reconhecem a existência de uma extensa variedade de formas linguísticas, porém, ao mesmo tempo em que se admite a diversidade linguística como um fato, obser-

va-se que nossa sociedade tem uma longa tradição de avaliar a diversidade em uma escala de valor, por vezes até moral, que leva a rotular os usos característicos de cada variedade como corretos ou incorretos, aceitáveis ou inaceitáveis, pitorescos, cômicos, etc.

O autor revela que a sociedade é tendenciosa no que toca a linguagem. A diversidade linguística é vista pelo autor como uma escala que os próprios falantes usam para julgar os equívocos linguísticos. O dilema reside no fato de que não se pode avaliar um indivíduo pelo seu discurso, a diversidade vai além disso, sendo necessária uma visão mais abrangente da linguagem e com menos preconceito.
Segundo Amaral (2000, p.323), na "linguagem ocorrem variações socioculturais - convivência em um específico grupo social; variação geográfica - local em que o falante vive por um tempo e variação histórica - período em que o falante se encontra."
A variação sociocultural, ou seja, a diastrática, é aquela que é influenciada pelas condições sociais dos indivíduos. Conforme Travaglia (2001, p. 45),

O dialeto representa as variações que ocorrem de acordo com a classe social à qual o indivíduo pertence." Para o autor, há uma uniformidade entre as formas de fala de um mesmo grupo sociocultural da comunidade. Assim, podem ser encaradas como variações linguísticas devido à natureza social: o uso de gírias, os termos profissionais ou de classes, como os de professores, policiais, juízes, marginais, etc.

Travaglia (1996) acrescenta ainda:

A gíria, definida como o modo específico de utilização do idioma por um grupo social que se identifica por esse uso linguístico e se resguarda da compreensão por outros grupos, também pode ser considerada como uma forma de dialeto social. (TRAVAGLIA. 2001, p.45)

O termo dialeto originou-se na Grécia, apresentando características distintas de pronúncia, vocabulário e morfossintaxe. Na sociolinguística atual, os dialetos urbanos são caracterizados pela "convergência dialetal e pela mistura de variedades, à medida que falantes de diferentes regiões/classes entram em contato" (BAGNO. 2017, p.84).
O senso comum atribui conotações negativas ao dialeto, "como se fosse uma forma incorreta e distorcida de falar o idioma" (BAGNO, 2017, p.84).
A escolha do dialeto, por sua vez, é considerada como um suporte para a construção de um padrão que se deve às circunstâncias "sociais, políticas, históricas e culturais, e não às supostas qualidades intrínsecas desse dialeto em comparação com os demais" (BAGNO, 2017, p.84).
É comum entender que para a comunicação verbal ocorrer, são necessários certos princípios orientadores, como por exemplo: a combinação de termos, normas, organização mental, intenção e clareza das frases para facilitar a compreensão da mensagem, já que nosso interlocutor é o receptor das informações que desejamos transmitir.
Segundo Ormundo e Siniscalchi (2018):

[...] é por meio da linguagem, em suas variadas possibilidades de materialização (verbal – oral ou escrita, visual-motora – libras, corporal, sonora, digital etc.), que agimos para marcar nosso posicionamento no mundo, constituímos vínculos, estabelecemos pactos e compromissos, entre outros aspectos impossíveis sem a linguagem (ORMUNDO e SINISCALCHI, 2018, p.7).

Parafraseando Leffa (2001, p. 333) desde os primórdios da existência humana, indivíduos têm engendrado modos de se comunicar com seus congêneres. Essa necessidade de interação os levou a empregar gestos, representações visuais e arte nas paredes de grutas, a fim de narrar eventos passados ou aspirações futuras.
Dessa forma, a linguagem floresceu, evoluímos, e hoje, munidos de uma forma de comunicação complexa, necessitamos conectar com outros, compartilhando nossos desejos e ideais com o mundo ao nosso redor.

REAÇÕES DA SOCIEDADE QUANTO AO PRECONCEITO EM RELAÇÃO AS GÍRIAS E EXPRES-

SÕES LINGUÍSTICAS

É fundamental destacar que a discriminação linguística muitas vezes ocorre com um tom zombeteiro, resultando em várias formas de agressão (física, verbal e psicológica). Enfatizando que em nossa sociedade, o preconceito linguístico recai sobre os estratos menos favorecidos que possuem traços populares em sua linguagem. O escritor Marcos Bagno enfatiza de maneira perspicaz em sua obra que "Entre todos os mecanismos de controle e influência social, a linguagem talvez seja o mais intricado e subtil", declara. "Para edificar uma sociedade que tolere as diferenças, é necessário exigir que as diversidades nos comportamentos linguísticos sejam respeitadas e valorizadas", argumenta.

Esses preconceitos afetaram diversas áreas carentes de instrução e cultura, que supostamente são para todos, mas na realidade apenas uma pequena parte da população brasileira tem acesso a um ensino de excelência, sendo os menos privilegiados rotulados como provincianos, nordestinos, entre outros. Todavia, é importante salientar que todas as formas de expressão linguística devem ser consideradas como um patrimônio cultural e não um dilema.

A discriminação linguística é uma presença constante em nosso dia a dia, onde uma sociedade preconceituosa questiona o conceito de "falar corretamente". Se não estiver em conformidade com as regras gramaticais normativas, é considerada equivocada. Conforme é referido nos Parâmetros Curriculares Nacionais de linguagem, que a "Língua Portuguesa" é composta por uma multiplicidade de formas linguísticas. Essas variações são frequentemente estigmatizadas devido ao valor social relativo atribuído aos diferentes estilos de fala: as variantes linguísticas de menor prestígio são prontamente rotuladas como "inferiores" ou até mesmo como "incorretas".

As reações da sociedade em relação ao preconceito associado às gírias e expressões linguísticas são variadas e revelam muito sobre as dinâmicas sociais e culturais presentes em nosso contexto. As gírias e expressões linguísticas são manifestações da diversidade e da criatividade da linguagem, refletindo os contextos e as identidades dos grupos que as utilizam. No entanto, muitas vezes, essas formas de linguagem são alvo de preconceito e discriminação por parte de segmentos mais conservadores da sociedade.

Alguns indivíduos e grupos veem as gírias e expressões linguísticas como formas de comunicação inadequadas, associadas a um suposto baixo nível de educação ou cultura. Esse preconceito linguístico muitas vezes está enraizado em ideias de superioridade de determinadas formas de falar e em estereótipos que desvalorizam as variantes linguísticas presentes em diferentes comunidades.

No entanto, há também setores da sociedade que reconhecem e valorizam a riqueza e a diversidade das expressões linguísticas, incluindo as gírias, como formas legítimas de comunicação e de expressão cultural. Esses grupos defendem a ideia de que a diversidade linguística enriquece o tecido social, ampliando as possibilidades de comunicação e promovendo a inclusão de diferentes vozes e perspectivas.

Diante desse cenário, é fundamental promover discussões e reflexões sobre o preconceito linguístico e seus impactos na sociedade. É necessário sensibilizar as pessoas para a importância de respeitar e valorizar as diversas formas de falar, reconhecendo que a linguagem é um fenômeno complexo e dinâmico, que reflete as múltiplas identidades e realidades presentes em nossa sociedade.

Ao combater o preconceito linguístico e promover a valorização da diversidade linguística, contribuímos para a construção de uma sociedade mais inclusiva, justa e democrática, onde todas as formas de expressão sejam respeitadas e celebradas como parte fundamental da riqueza cultural e social de um povo.

A comunicação, por meio de seus símbolos, emerge como uma ferramenta impactante na edificação dos laços entre os negociadores ilícitos, sendo que a seleção de todas as ferramentas linguísticas é determinada pelo emissor sob diversas intensidades de influência do receptor - neste contexto, rivais do comércio ilegal (BAKHTIN, 1997).

A pesquisadora Alessandra Freitas da Silva (2008, p.37), relata que:

A sociedade identifica a gíria como uma va-

riação de notoriedade, este termo vem do latim e significa algo que é conhecido pela sociedade, pois normalmente quem faz uso desta linguagem são jovens inconscientes, sem cultura, sem reflexão, não possui uma história ou um pensamento crítico, há também as gírias de grupo (calão) aquelas usadas nas atividades dos criminosos, ou em ambiente carcerário, sendo esta variação linguística desprestigiada e sofre preconceito por uma parte da sociedade, essa linguagem informal sai da extensão privada e se converte em uma linguagem pública, vai se popularizando tornando se uma linguagem comum, e para que a mesma seja aceita por todos, é necessário o usuário usá-la de forma correta.

O emprego oral da língua do tráfico é caracterizado não somente por gírias, mas também por realizações linguísticas características de variações não apenas deste grupo, mas possível de serem encontradas em várias comunidades.

A mídia e a sociedade veem as gírias que vêm das favelas como uma variante de baixo prestígio, pois estão ligadas a linguagem do jovem inconsequente, (LOPES et al, 2013), já que o vocabulário diferenciado é depreciado, pois o enfoque da mídia se restringe ao ato criminoso e causa um efeito negativo que fortalece o preconceito e aumenta a discriminação (OLIVEIRA, 2015), afinal, o preconceito não é diretamente linguístico, mas principalmente social, como afirma Alkimin (2005). Porém não é difícil perceber que a norma culta - por diversas razões de ordem política, econômica, social, cultural — é algo reservado a poucas pessoas no Brasil (BAGNO, 1999)

Conforme relata Lopes (et al, 2013, p.79): “a população brasileira se expressa melhor com as gírias do que com os verbetes dos dicionários, o que só reforça a importância de dedicarmos um estudo voltado à análise dessas variantes” e Bagno (1999, p.87) complementa o relato afirmando que: “se caso direcionarmos um olhar de desprestígio ao vocabulário gírio, como se ele fosse um agente empobrecedor da língua, seria equivocado haja vista que ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna”.

A língua, como veículo de comunicação, desempenha um papel crucial na troca de informações entre os participantes do diálogo. Conforme Simões (2009, p.14) coloca, "a língua é definida pelo conjunto de normas e vocabulário utilizados pelos membros de uma comunidade". A combinação dessas palavras contribui para a formação da linguagem, um elemento essencial na interação, possibilitando a compreensão dos símbolos convencionais produzidos pelo interlocutor.

Os procedimentos de criação da linguagem informal se assemelham aos da língua Portuguesa e conforme Cabelo (1991, p.50), ao vocabulário francês, Norte-Americano e Castelhano, e são capazes de ser analisados sob os planos sonoro, vocabulário e gramatical. Para a análise da formação da palavra gíria considerou-se primeiro a forma e posteriormente a definição.

Na esfera gramatical, a reestruturação da configuração é documentada no grupo de escritos por meio de uma variedade de métodos, dos quais a inserção de sufixos (derivação sufixal) é a mais difundida na linguagem casual, ora com propósitos expressivos, ora afetivos, ora depreciativos.

A aplicação dos sufixos diminutivos ocorre com –inho(a) que se conectou a substantivos e adjetivos, acrescentando-lhes uma dimensão afetiva, por exemplo, feinha (cônjuge), bichinho (aposta). Contudo, pode assumir uma conotação depreciativa, como em povinho (pó para suco) e joaninha (viatura policial parecida com um fusca); o primeiro evidenciando uma qualidade negativa da bebida de qualidade inferior e o segundo pela negligência em relação à potência e ao modelo do veículo. Esse sufixo também surge no sentido original do sufixo inho indicando objetos de pequeno tamanho ou dimensão, como em botinha (cigarro), balinha (parte de maconha). Um caso especial é a palavra composta corridinha (inalação de cocaína), também conhecida como carreirinha devido à disposição da substância em linha reta e que pode ser consumida rapidamente. Assim, entrelaçam-se dois significados em um único termo. (JORNAL LNH. 2024)

Pode-se observar uma preferência desse estilo de linguagem casual por construções com termos-chave, que formam expressões paralelas. Selecionamos, no grupo de escritos, o verbo estar: estar de rosto limpo, estar

chupando doce, estar pálido, estar de pregador, estar em apuros, estar confuso, estar alerta, estar honesto, estar girando.
O procedimento de composição de palavras também contribui para a formação do léxico da linguagem casual.
Cabelo (1991, p. 30) vê a gíria como uma fonte de palavras novas, criados como verdadeiros neologismos ou como atribuição significativa nova a palavras já existentes.
Neologia lexical é a possibilidade de criação de novas unidades lexicais em virtude das regras de produção incluídas no sistema lexical. Assim, neologia é o fato e neologismo é o termo, a criação vocabular nova, incorporada à língua. Cumpre ressaltar que, numa primeira fase, o neologismo aparece como estrangeirismo - usado ocasionalmente.

As línguas são formadas por componentes que podem sofrer alterações e eventualmente resultar em transformações. De acordo com Viotti (2013), esses componentes são categorizados como constantes e inconstantes. São as partes inconstantes que conduzem às evoluções linguísticas.

A flutuação é considerada instável quando o processo se inclina para uma das variações, em detrimento das outras. Nesse sentido, é plausível que o uso dessa variação predominante tenda a se difundir, levando as outras a serem abandonadas. A mudança linguística resulta da flutuação que ocorre em componentes inconstantes. (VIOTTI, 2013, p.146).

Além de ser uma ferramenta vital para a comunicação, a língua é também um elemento com raízes históricas e, portanto, sujeita a modificações. "Cada nova geração de falantes contribui para esse processo gradual e contínuo de reconfiguração e renovação da língua" (BAGNO. 2007, p. 187).
A incompreensão dos fenômenos da diversidade linguística resulta em concepções e princípios errôneos, como por exemplo, aqueles que ignoram a multiplicidade da linguagem, contribuindo para comportamentos que fortalecem a idealização monocultural, o que resulta em atitudes discriminatórias e preconceituosas. Através da utilização das variações linguísticas, os indivíduos refletem seus valores sociais e culturais, suas ideologias, necessidades e desejos individuais e coletivos.
Mussalin e Bentes (2009) defendem a ideia de que cada idioma falado no planeta está em contínua evolução e transformação, processos estes que não são percebidos imediatamente pelos oradores, dada a natureza gradual e lenta dessas mudanças.
Tanto as expressões informais quanto as outras formas de linguagem coexistem em paralelo e muitas vezes em conflito com a norma culta e a norma padrão reconhecida. Todas as línguas exibem diversidade, pois estão sujeitas a mudanças ao longo do tempo, em diferentes regiões geográficas e em contextos sociais específicos dos falantes. Além das transformações ao longo do tempo, há também variações simultâneas, onde diferentes maneiras de expressar a mesma ideia podem coexistir na mesma língua. Essas mudanças são mais evidentes na linguagem falada devido à sua natureza dinâmica. No português falado no Brasil, encontramos diversas variações linguísticas nos aspectos semântico, morfossintático, fonético-fonológico e pragmático-discursivo.
Calvet (2002) dá um exemplo de variação linguística no francês, onde diferentes palavras são usadas para descrever uma ação simples do cotidiano, como misturar uma salada. Essas variações regionais são evidentes, como o uso de "remuer" e "retourner" em Paris, "fatiguer" e "tourner" no sudeste da França, e assim por diante. No português brasileiro, vemos casos semelhantes, como o uso de "avexado", "apressado" e "apurado", que podem revelar a origem geográfica dos falantes.
Esses exemplos ilustram a variabilidade linguística presente em todas as línguas naturais humanas. A Sociolinguística se dedica ao estudo dessas variações, considerando-as como um fenômeno universal e passível de análise científica. Essa disciplina parte do princípio de que as alternâncias no uso da linguagem são influenciadas por fatores tanto estruturais quanto sociais.
As diferentes formas de variação linguística são chamadas de "variantes". Elas representam as diversas maneiras de expressar uma ideia em um dado contexto, mantendo o significado. (MOLLICA.2012)

Uma das estratégias mais eficazes para eliminar a discriminação seria proporcionar à sociedade em geral a valorização e o respeito por suas diversidades, compreendendo assim o verdadeiro significado de preconceito. Essa abordagem deveria ser iniciada desde cedo nas instituições de ensino, de modo que as crianças crescessem conscientes das múltiplas formas de expressão da sua língua, embora reconhecendo a importância de seguir as normas gramaticais padrão.

O conhecimento adquirido por meio da educação formal e o comprometimento dos educadores aliados a políticas educacionais são ferramentas essenciais para combater essa forma de preconceito. No entanto, é crucial reconhecê-lo como um problema sério e urgente na sociedade, que demanda ser identificado e enfrentado de forma decisiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes da escrita ter seu apogeu, a tradição oral figurava como o principal veículo de transmissão do saber educacional, seja para instrução espiritual ou capacitação profissional, a pedagogia vigente era fortemente enraizada nas práticas verbais. Enquanto as civilizações primordiais se debatiam na obscuridade da ausência da escrita, a oralidade se erigiu como o meio e a via pelos quais os legados das eras ancestrais da humanidade podiam ser preservados.

Mesmo após a introdução da escrita, a disseminação do conhecimento continuava a ser mediada pela oralidade, dado que a escrita ainda não havia alcançado popularidade, sendo acessível somente aos estratos superiores e nobres da sociedade. O restante da população permanecia envolto nas sombras da ignorância em relação ao domínio da escrita, porém iluminados pelo saber transmitido de forma oral.

Entretanto, ao abordar as práticas de oralidade no contexto contemporâneo de ensino-aprendizagem, percebe-se a estigmatização por parte de alguns educadores, os quais, ao almejarem ensinar a gramática, muitas vezes negligenciam a linguagem e sua capacidade de ressignificação.

É válido ressaltar que, concomitante a essa estigmatização associada à língua materna, surge o fenômeno do preconceito linguístico, que tem sido uma das causas da censura à língua materna do indivíduo. Essas considerações e implicações linguísticas no ensino da língua portuguesa vão muito além do que é usualmente abordado nas instituições de ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. Preconceito linguístico. O que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. 1997.

BARROS, D.L.P. A propósito do conceito de discurso oral culto. 1997.

BORTONI, Ricardo, SM. Problemas de Comunicação Interdialetal, In: Sociolinguistica e Ensino do Vernáculo. Revista Tempo Brasileiro. 78/79. 1984.

CABELLO, A.R.G. Processo de formação da gíria brasileira, Alfa (São Paulo), v.35, p.19 –53,1991.

CALVET, Louis-Jean. Sociolinguística: uma introdução crítica. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CASTELANO, Karine Lôbo; LUQUETTI, Eliana Crispim França L. Uma abordagem dos vocábulos “assim”,“tipo” e “tipo assim” e suas implicações para o ensino de língua portuguesa. Revista Científica Interdisciplinar LSP. ISSN, p. 2358-8411, 2014.

FARACO, C. A. Linguagem escrita e alfabetização. São Paulo. Contexto, 2012.

LEFFA, V. J, (org.). Aspectos políticos da formação de professor de línguas estrangeiras. In: O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão. LEFFA, Vilson, J. Educat. Pelotas, 2001.v.1, p. 333-335.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 288 p.

JORNAL LNH. Disponível em: https://www.jornalnh.com.br/2014/02/noticias/regiao/17242-maior-parte dos-detentos-do-central-sao-da-regiao-saiba-o-que-eles-falam-la-dentro.html. Acesso em 02 nov.2024.

LOPES D.; LOPES M.; HENRIQUE P.; MARIA P.; BETÂNIA E. A variação linguística no filme Cidade de Deus. Rio Grande do Norte, Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), 2013. Disponível em: Linguagem e poder: uma análise da inserção do falar dos meninos do tráfico em diversas práticas comunicativas. file:///C:/Users/55119/Downloads/admin,+d-

le2-6%20(1).pdf. Acesso em 18 out.2024.
MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Ed. Cortez, 2009.
NASCENTES, Antenor (1886-1972). Estudos filológicos: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes. Organizado por Raimundo Barbadinho Neto; apresentação de Evanildo Bechara. – Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.
NEVES, Maria Helena de Moura. Texto e gramática. Editora Contexto, 2006.
ORMUNDO, W; SINISCALCHI, C. Se liga na língua: leitura, produção de textos e linguagem: Manual do professor. São Paulo: Moderna, 2018.
RIBEIRO, Ana Maria Bandeira. Educação prisional: sua importância e possibilidade na ressocialização de pessoas em privação de liberdade. Monografia. Goiás. 2021. Disponível em: https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2821/1/MONOGRAFIA%20II%20%2810%29.pdf. Acesso em 09 nov.2024.
SILVA, Alessandra Freitas da. Revista Philologus, Ano 14, N° 41. Rio de Janeiro: CiFEFiL, maio/ago.2008v.
SOUZA, G. M. DE, ISLABÃO, R. R., ROSTIROLLA, A., MATTOS, L., OLIVEIRA, A. D. DE, & SILVA, J. P. da. (2024). As gírias e o vocabulário prisional como um mecanismo identitário e cultural no sistema prisional do RS. Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação, 12–64. Disponível em: https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/13243. Acesso em 07 nov.2024.
TERRA, E. Linguagem, língua e fala. São Paulo: Scipione, 1997. 86p.
TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.